

PINO DO VERÃO

EVENTO COMUNITÁRIO COM CENTENAS DE MÚSICOS, CANTORES E ACTORES



Miradouro do Castelo de Palmela – 26 de Julho, 22h00

Entrada livre

Se se quer sentar, traga **UMA CADEIRA**

Se quer ver, traga **UMA LANTERNA**

Se não quer ter frio, traga **UMA MANTA**

Português | 60 minutos | Espectáculo ao ar livre | M/6

+ Informações: 212 336 850 | comunicacao@obando.pt

Co-Financiamento



QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL PORTUGAL 2007-2013



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Entidade Promotora

Parceria

O Teatro bando é uma Estrutura Financiada por

Apoiada por



TEATRO O BANDO

Município Palmela



MIC
MINISTÉRIO DA CULTURA

dgARTES
DIRECÇÃO-GERAL DAS ARTES

Município Palmela

Outros Apoios



O **PINO DO VERÃO** é um evento comunitário de grande dimensão que alia a componente teatral ao canto, à música e à poesia de **Eugénio de Andrade**. Com dramaturgia, encenação e espaço cénico de **João Brites** e composição e direcção musical de **Jorge Salgueiro**, este é um espectáculo sazonal que se pretende estabelecer pelos ritmos cíclicos das festividades populares.

Envolvendo **Bandas Filarmónicas, Coros e Associações Regionais**, para além de diversos actores e cantores líricos, num total de cerca de 300 participantes, esta homenagem ao Verão decorre ao ar livre no **Miradouro do Castelo de Palmela**, privilegiando também uma relação de contiguidade com a paisagem natural e a monumentalidade histórica que nos envolvem.

Até 2011, o **PINO DO VERÃO** encontra-se inserido na acção de “Recuperação e Dinamização do Centro Histórico de Palmela”, uma operação que se inscreve na tipologia de Desenvolvimento Cultural / Dinamização de Actividades Culturais – com um custo total de 152.000€, para um período de três anos, estando adstrito ao ano de 2009 um valor de 72.000€, e sendo 50% desta operação co-financiada pelo **FEDER**, 25% pela **Câmara Municipal de Palmela**, 12,5% pelo **FIAR – Centro de Artes de Rua** e 12,5% pelo Teatro o bando.

A entrada é livre mas quem se quiser sentar deve trazer uma cadeira (temos segurança para que esta possa ser colocada um dia antes do espectáculo), quem quiser ver deve trazer uma lanterna e quem não quiser ter frio deve trazer uma manta – para que todos possamos cantar *“Uma pátria tem algum sentido / quando é a boca / que nos beija a falar dela”*.



As fotografias presentes neste dossier são de edições anteriores do **PINO DO VERÃO**. Os créditos são de Adelino Chapa e Lia Costa Carvalho.

O espectáculo é apresentado pela Palmeloa, personagem principal, figura mater de Palmela, Deusa mãe, ativa, forte e geradora de paixões carnavais, de cujo ventre brotam os elementos Água, Ar, Terra e Fogo. O Senhor de Branco é o destino que assiste e conduz os povos na procura da felicidade. Ele é o guia que ampara a Avó Camponesa e a incentiva a inventar a sua própria deusa.

Os Mordomos da festa são os quatro filhos da deusa. São eles que garantem que o julgamento tenha lugar todos os anos. O Mordomo do Ar acasala com o da Terra e tem dois filhos. O Mordomo do Fogo acasala com o da Água e tem duas filhas. As filhas de um acasalam com os filhos do outro. Os Vassoueiros são os filhos dos Mordomos que vão ficar de guarda ao jazigo. Do ventre da Vassoueira da Primavera saem 24 filhos Vassoueiros.

Os diabretes são a representação sarcástica dos povos oprimidos. Hoje apanham ar apenas por alguns minutos para serem julgados. A maioria deles vai acabar por sucumbir como penitentes, ficarão enclausurados mais um ano para expiação das suas culpas. Um deles será libertado para ver se ganhou juízo.

Libertem-se! Dizem jocosamente os Mordomos e os Contadores em coro. Libertem-se! Sussurram e gritam os povos de todos os tempos. Amem as pedras e as mãos, as florestas e os mares. Aproveitem o pino do verão, dancem, durmam, e bebam à saúde da vida que estala por todo o lado. Como os santos se penduram nos poços e no mar de cabeça para baixo quando não protegem os seus crentes, também agora se castigam à vassourada e se soterram os diabretes – não há meio de aprenderem a libertar-se para sempre.

A PROPÓSITO DO PINO DO VERÃO

O Pino do Verão não é apenas quando o calor mais aperta e os nossos corpos parecem derreter e os nossos sentidos, aparentemente sonolentos, ficam sensualmente alerta para novos contactos, reais ou apenas imaginados. É também um tempo/espaço em que o sagrado pode de repente despontar, mostrar-nos que ainda somos, ou que podemos sonhar que somos, seres que desejam a união com algo que nos transcende. É nesse tempo/espaço que podemos sentir em nós a força dos deuses que ajudamos a criar, e com essa força refazer laços – pela festa, pelo riso, pelo excesso também – porque não?

Momentaneamente mandamos às urtigas as diferenças entre o passado, o presente e o futuro e, quais deuses, assim mesmo, confundimos o tempo para melhor refazer a vida, que é dura mas não fomos nós que a quisemos assim. Se de meninos e loucos todos temos um pouco, também do sagrado dos deuses ainda temos uma centelha. Usemo-la então!

Nesta “sagração”, vamos, está visto, misturar os tempos e os lugares, evocar personagens e situações, fazer viver entre palmelões e palmeloa as figuras saídas sabe-se lá de onde... da nossa história, do que somos ou do que gostaríamos de ser, sabe-se lá... O que é certo na nossa cerimónia, podemos chamar-lhe assim, é que alguns *Camponeses*, com a ajuda imprescindível de *Cómicos*, criarão uma *Deusa* que só poderia ser... *Palmeloa* – a nossa *Deusa do Pino do Verão*. A nossa *Palmeloa* tem nada mais nada menos que 4 filhos, todos casadoiros: o do *Fogo* acasala com o da *Terra*, união que gera 2 filhos: são os *Vassoueiros do Verão* e do *Outono*; mas os *Mordomos do Ar* e da *Água* não se ficam por menos: e lá teremos mais 2 *Vassoueiros*: o do *Inverno* e o da *Primavera*. E estes nossos amigos *Vassoueiros* seguirão as pegadas dos seus progenitores: das suas andanças matrimónias nascerão, imagine-se, 28 *Vassoueiros* (uns armados em *Chefes*; outros, apenas *Figurantes*). Mas o melhor da história ainda está por vir – mas não podemos contá-la toda aqui... Só vos diremos que existe um *Jazigo* onde vivem aprisionados 13 - *Diabretes* - 13: são penitentes que podemos imaginar representarem povos oprimidos da Terra. E dizer-vos, para terminar, que a vontade dos descendentes da nossa *Deusa Palmeloa* é que sejam libertados...

Atenção, pois, gentes de Palmela e de outras partes do Mundo: lembrem-se que, ainda que momentaneamente, neste escaldante pino do Verão, cada um de vós pode sentir aquela pequena centelha do poder dos deuses – que dá a vida mas também a tira! É aconselhável fazer um uso adequado desse poder. Bom proveito!

Carlos Alberto Machado (texto de apresentação inserido no programa do FIAR3)

PINO DO VERÃO 2009

Poemas **EUGÉNIO DE ANDRADE**
Dramaturgia e Encenação **JOÃO BRITES**
Composição e Direcção Musical **JORGE SALGUEIRO**

Espaço Cénico **RUI FRANCISCO** e **JOÃO BRITES** Oralidade **TERESA LIMA** Corporalidade **SANDRA ROSADO** Figurinos e Adereços **CLARA BENTO** e **MARIA MATTEUCCI** Desenho de Luz **JOÃO CACHULO** Sonoplastia e Desenho de Som **SÉRGIO MILHANO** e **MIGUEL MENDES**

Interpretação **ACTORES, CANTORES** e **BAILARINOS** Execução Musical **COROS E BANDAS DA SOCIEDADE FILARMÓNICA PALMELENSE OS LOUREIROS, SOCIEDADE FILARMÓNICA HUMANITÁRIA, SOCIEDADE FILARMÓNICA UNIÃO AGRÍCOLA E SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO MUSICAL**

Criação **TEATRO O BANDO**
Co-Organização **CÂMARA MUNICIPAL DE PALMELA**
e **FIAR – CENTRO DE ARTES DE RUA**
Co-Financiamento **POR LISBOA / QREN / FEDER**

Teatro o bando

Coordenação Geral **SARA DE CASTRO** Direcção Técnica **JOÃO CACHULO** Itinerância e Montagem **FÁTIMA SANTOS** Relações Institucionais **HUGO SOUSA** Comunicação **MIGUEL JESUS** Tesouraria **CRISTINA SANCHES** Captação e Sensibilização de Públicos **LIA NOGUEIRA** Relações Internacionais **RAÚL ATALAIA** Manutenção **GUILHERME NORONHA** Acolhimento **MANUELA MENA** Cozinha e Limpeza **MARIA JOSÉ FERNANDES**

Produção e Vendas **TATI MENDES** Grafismo **NUNO MELLO** Formação **LIMA RAMOS** Sonoplastia **SÉRGIO MILHANO** Apoio Jurídico **ISABEL ATALAIA** Contabilidade **CONTISTAS** Apoio Informático **FREDERICO COELHO** Caseiros **ISAAC REIS** e **NICOLAE DANIEL**

Direcção Artística **JOÃO BRITES, RUI FRANCISCO, JORGE SALGUEIRO, TERESA LIMA, LUCA APREA, CLARA BENTO** Direcção da Cooperativa **JOÃO BRITES, RAÚL ATALAIA** e **RUI FRANCISCO** Cooperantes **ADELAIDE JOÃO, ANA BRANDÃO, ANTÓNIA TERRINHA, BIBI GOMES, CLARA BENTO, FÁTIMA SANTOS, GONÇALO AMORIM, HORÁCIO MANUEL, ISABEL ATALAIA, JOÃO BRITES, JORGE SALGUEIRO, LIMA RAMOS, MIGUEL MOREIRA, NICOLAS BRITES, PAULA SÓ, PEDRO GIL, RAÚL ATALAIA, RUI FRANCISCO, SARA DE CASTRO, SUZANA BRANCO**

Eugénio de Andrade

Nasceu em 19 de Janeiro de 1923, na Póvoa da Atalaia, Fundão, no seio de uma família de camponeses. Estudou em Castelo Branco, Lisboa e Coimbra, para onde se mudou em 1943. Durante 35 anos exerceu as funções de Inspector Administrativo do Ministério da Saúde. Uma transferência de serviço levá-lo-ia a instalar-se no Porto em 1950, numa casa que só deixou mais de quatro décadas depois, quando se mudou para o edifício da Fundação Eugénio de Andrade. Embora não se integre em nenhum dos movimentos literários que lhe são contemporâneos, não os ignorou, mostrando-se solidário com as suas propostas teóricas e colaborando nas várias revistas a eles ligadas. Autor de uma vasta obra poética, contam-se entre as suas obras mais conhecidas: *As Mãos e os Frutos* (1948); *As Palavras Interditas* (1951); *Limiar dos Pássaros* (1972); *Matéria Solar* (1980); *O Sal da Língua* (1995); e *Antologia Pessoal de Poesia Portuguesa* (1999).

Organizou várias antologias e traduziu diversas obras de outros autores. Foi galardoado com inúmeros prémios e distinções, entre os quais o grau de Grande Oficial da Ordem de Sant'Iago da Espada (1982), o Prémio da Associação Internacional de Críticos Literários (1986), Grã-Cruz da Ordem de Mérito (1988), Prémio D. Dinis da Fundação Casa de Mateus (1988), Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores (1989) e o Prémio Camões (2001). Apesar do seu enorme prestígio nacional e internacional, Eugénio de Andrade sempre viveu distanciado da chamada vida social, literária ou mundana, tendo o próprio justificado as suas raras aparições públicas com «essa debilidade do coração que é a amizade». Faleceu a 13 de Junho de 2005, no Porto, após uma doença neurológica prolongada.

João Brites

Nasceu em 1947. Artista plástico, cenógrafo, encenador e dramaturgista, é fundador e Director do Teatro **o bando** e lecciona na Escola Superior de Teatro e Cinema. Em Bruxelas frequentou os cursos de Pintura e de Gravura na ENSAAV – La Cambre. É autor de inúmeros artigos sobre teatro e sobre o processo de criação **no bando** e de algumas Comunicações feitas em Congressos da especialidade. Orienta estágios e cursos de formação no domínio do teatro. Encenou espectáculos e eventos no âmbito da Europália e da Lisboa94 e dirigiu a Unidade de Espectáculos da Expo98. Em 1999 recebeu o grau de Comendador da Ordem do Mérito. Em 2008 ganhou o Prémio da Crítica, da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro, com o espectáculo SAGA.

Jorge Salgueiro

Nasceu em Palmela e tem 38 anos. É compositor residente da Banda da Armada e membro da Direcção Artística do Teatro **o bando**. Compõe desde os 14 anos e é autor de mais de 150 obras. Dirigiu desde muito cedo obras suas, destacando-se os trabalhos realizados com a Orquestra Nacional do Porto e com a Orquestra do GCEA da Madeira. Foi maestro do Coral Infantil de Setúbal entre 1992 e 1997 e dirigiu a Orquestra Didáctica da Foco Musical. Acredita que a arte é o maior dos estímulos que o Homem tem para melhorar o seu mundo.

Teatro **bando**

Vale dos Barris

Apartado 152

2950 Palmela

www.obando.pt

geral@obando.pt

21 233 68 50